

# O LEITOR EM *PERFORMANCE*: A CONSTRUÇÃO DO LEITOR NOS DIÁLOGOS PLATÔNICOS

## THE READER IN *PERFORMANCE*: THE CONSTRUCTION OF THE READER IN PLATO'S DIALOGUES

NELSON DE AGUIAR MENEZES NETO\*

**Resumo:** Os diálogos platônicos nascem como obras destinadas à leitura. O público que pressupõem e ao qual estão endereçados é, fundamentalmente, um público leitor. Para que seja realizada em sua forma dramática, a obra platônica demanda um tipo singular de leitor, cuja natureza e função determinadas emergem como efeito do funcionamento do texto e do ato mesmo da leitura. O presente estudo tem o intuito de traçar o perfil de leitor que os diálogos platônicos demandam e constituem. Tomamos, como ponto de partida, uma análise da abertura do *Teeteto*, importante por colocar em cena o leitor no desempenho de uma performance.

**Palavras-chaves:** Platão; diálogos platônicos; leitor; *mimesis*.

**Abstract:** The Platonic dialogues are designed for reading. The audience they presuppose and to which they are addressed is, fundamentally, a reading public. In order to be performed as a dramatic work, the Platonic dialogue therefore demands a singular kind of reader, whose particular nature and function emerge as an effect of the inner functioning of the text as well as of the very act of reading. Accordingly, the present study aims to outline the platonic reader's profile, which is demanded and constituted by the dialogues. We take, as a starting point, an analysis of the *Theaetetus*' opening, important for presenting a sample of a reader's performance.

**Keywords:** Plato; Platonic dialogues; reader; *mimesis*.

*O texto prevê o leitor.*

Umberto Eco

*A unidade do texto não está em sua origem,  
mas no seu destino.*

Barthes

---

\* Pesquisador. Colégio de Aplicação da UFRJ. <https://orcid.org/0000-0003-4880-8407>. E-mail: [guiarnn@yahoo.com.br](mailto:guiarnn@yahoo.com.br).

Os diálogos platônicos constituem-se, desde suas origens, como artefatos que resultam do fazer criativo no âmbito da arte escrita. Como um dos fatores que permitiram a obtenção desse resultado está o fato de o papiro haver alcançado significativa difusão na Grécia, sendo seu uso bastante comum na Atenas do período clássico.<sup>1</sup> Os diálogos nascem, assim, em um meio em que a arte escrita torna-se cada vez mais privilegiada. Nesse sentido, no que concerne à sua materialidade, os diálogos platônicos reúnem, ao mesmo tempo, as virtualidades do *logos* (discurso), da *graphê* (texto escrito) e do *biblion* (livro).

Concebidos como obras do fenômeno da escritura, os diálogos platônicos destinam-se fundamentalmente à leitura. De modo particular, em duas passagens, Diógenes Laércio atesta a prática da leitura em voz alta e coletiva dos textos platônicos. Em *Vidas* III 35, o autor relata que Sócrates, ouvindo Platão ler o *Lisis*, teria dito: “Por Hércules! Quantas mentiras esse jovem está falando de mim!” E, em *Vidas* III 37, somos informados de que, de acordo com Favorino, somente Aristóteles teria permanecido com Platão ao ler o *Fédon*, ao passo que todos os outros teriam ido embora. Independentemente, porém, de tais referências tardias, a finalidade intrínseca dos diálogos platônicos, enquanto obras dirigidas a um público leitor, é, como veremos, estabelecida pela própria dinâmica interna do texto, o que na realidade corrobora o testemunho de Diógenes Laércio.

Os diálogos platônicos são representações de conversações. Enquanto tais, devem ser lidos como dramatizações de trocas de falas entre personagens, situando-se, por conseguinte, no gênero dramático de composição.<sup>2</sup> Apesar disso, entretanto, os diálogos não se constituem exatamente como obras “para” o espetáculo cênico, mas apresentam traços definidores de uma modalidade de comunicação que pressupõe, de modo necessário, uma recepção “mediante” e “para” a prática da leitura. Assim, se no teatro grego a obra é destinada a um público espectador, o diálogo platônico é construído para o leitor.<sup>3</sup> Nesse sentido, ele não é feito para a interpretação teatral; não

<sup>1</sup> Vide ALLINE, 1915, p. 1; THOMAS, 2005, p. 17-19.

<sup>2</sup> Cf. SAYRE, 1995, p. 199.

<sup>3</sup> A existência de atestações de que obras dramáticas também pudessem ser destinadas à leitura (*Leis* VII 810e-811a, *Poet.* VI 1450b17-21; XIV 1453b7-8; XXVI 1462a10-12) não implica necessariamente que os diálogos platônicos também fossem destinados à interpretação teatral. Para uma posição contrária (de que os diálogos platônicos eram encenados), ver CHARALA-

requer o mesmo uso que o teatro faz dos órgãos sensoriais e dos sentidos da visão, da audição, além do recurso a outros elementos exteriores.<sup>4</sup> Enquanto o espectador vê, ouve e sente os personagens em ação, o destinatário platônico vê, ouve e decifra a letra do texto, por meio da *mimêsis* que executa da voz dos personagens.<sup>5</sup>

Enquanto obras dramáticas, os diálogos correspondem, assim, a um esforço de conciliação entre a representação dramática do diálogo e a tecnologia da escrita e da leitura, alcançando uma potencialização marcante dos efeitos dessa conciliação, o que explica, ao menos em parte, suas diferentes formas de experimentação discursiva. Sob esse aspecto, sua finalidade material (alcançar a recepção) é preservada e garantida em seu próprio processo de composição. Pelas técnicas de composição de que se vale, os diálogos estabelecem uma forma singular do discurso, com a propriedade de dar ao universo da recepção, do qual o leitor faz parte, um estatuto ativo e dinâmico.<sup>6</sup> A questão que se coloca, então, consiste em compreender como e em que medida as técnicas platônicas de composição incidem sobre uma recepção leitora.

O presente estudo opõe-se à ideia, difundida especialmente entre os partidários da doutrina oral de Platão, de que a compreensão do diálogo platônico como texto dialógico ativo constitui mera suposição básica, não verificada e sem bases textuais consistentes.<sup>7</sup> Contra tal sustentação, estas

---

BOPOULOS, 2012; RYLE, 1966, p. 32ss; WHITE, 2000. Sobre a ideia de que o teatro antigo é dirigido ao espectador, e não ao leitor, ver ANDRIEU, 1954, p. 348 ; HUBBARD, 1991, p. 14; 28-9; YUNIS, 2003; UNTERSTEINER, 1980, p. 61-2.

<sup>4</sup> Para uma discussão sobre os órgãos sensoriais no teatro, cf. MAUDUIT; SAETTA-COTTONE, 2014, p. 61ss. Com relação à audição, é importante reconhecer a importância do impacto auditivo do drama sobre o espectador. Cf. *Poética* 1450b15-18; 1462a14ss; HALL, 2008, p. 4ss. Com relação ao caráter cênico e visual do drama, cf. STONE, 1980, p. 1.

<sup>5</sup> Cf. ANDRIEU, 1954, p. 314.

<sup>6</sup> Por “recepção”, referimo-nos de modo amplo ao conjunto de fatores segundo os quais os textos são lidos e interpretados. Ver DESCLOS, 2003, p. 217ss (L’auteur, son texte et son lecteur); DI STEFANO, 2017, p. 170-171.

<sup>7</sup> Usamos aqui os próprios termos de Szlezák (2009, p. 342). Tecendo uma crítica ao que denomina de “crença no texto dialógico ativo”, este autor atribui a análise da função e da natureza do leitor platônico ao que chama de “teoria moderna da forma do diálogo”, tradição que teria sido inaugurada por Schleiermacher. Essa crença seria encontrada, para ele, em autores como Friedländer, Merlan, Bröcker, Gundert, Guthrie, Klein, Rosen, Ebert, Roloff, Tigerstedt, Meissner e Laborderie; e traduziria uma concepção radicalmente não platônica da função da filosofia escrita, oposta à importância da filosofia oral de Platão. Vide SZLEZÁK, 2009, p. 339-342; 355, nota 31.

linhas têm o intuito de traçar, por meio de uma análise imanente ao texto, o perfil de leitor que os diálogos platônicos demandam e constituem, caracterizando, conseqüentemente, sua natureza e função. Busca-se, nesse sentido, defender a hipótese de que, mediante técnicas precisas, os diálogos alcançam a propriedade de estender a dialogicidade que dramatizam internamente à esfera externa da recepção, subvertendo a tendência a uma recepção passiva que a escrita, por si mesma, pode comportar (tal qual denunciada pelo próprio Platão no *Fedro*).

Tomaremos o prólogo do *Teeteto* como principal referência para nossa análise.<sup>8</sup> A abertura desse diálogo coloca em cena, de modo explícito, o processo de composição de um *logos sokratikos*, evidenciando seus principais agentes: o narrador (o *diegeta*), o escritor-escriva (o *grapheus*) e o leitor (o *pais*). Entendemos que, ao fazê-lo, o texto coloca em destaque o próprio funcionamento do diálogo platônico, oferecendo-o como um objeto a ser pensado.<sup>9</sup> Ora, assim como Euclides, Platão é uma espécie de *grapheus*, cujos *logoi* se convertem em um artefato material, o *biblion*. É nesse enquadramento que a figura e a ação do leitor também serão colocadas e definidas.

#### A COMPOSIÇÃO DE UM *LOGOS SOKRATIKOS* NA ABERTURA DO *TEETETO*

No *corpus platonicum*, encontramos importantes referências à prática da leitura. A abertura do *Fedro* (227a-230e) oferece-nos, por exemplo, uma significativa representação do personagem homônimo sob os efeitos do texto escrito (*to biblion*). A passagem descreve, com riqueza de detalhes, como Fedro lê, para Sócrates, o referido texto, de autoria de Lísias, renomado logógrafo. No *Parmênides* (127 b-d), sabemos por Antífote que ele e outros, inclusive Sócrates, estavam hospedados na casa de Pitodoro para ouvir os escritos de Zenão (*tôn tou Zênonon grammatôn*). É o próprio Zenão que lhes faz a leitura de seus escritos (127c). É assim significativo que, segundo Diógenes Laércio, também tenha sido Zenão o inventor da dialética (DL 8, 57) e o primeiro a usar o diálogo (DL 3, 48). Ainda no *Parmênides*, Sócrates aparece como participante dos círculos atenienses de leitura. Seu letramento, porém, não é retratado apenas aí. No *Fédon*, também, encontramos uma importante atestação de que Sócrates era leitor. O próprio personagem declara

<sup>8</sup> Consideramos irrelevante, para o desenvolvimento de nossos argumentos, a problemática em torno da autenticidade do prólogo do *Teeteto*.

<sup>9</sup> Cf. CAPUCCINO, 2014, p. 122.

tanto seu estatuto de leitor-ouvinte quanto de leitor direto dos textos, quando informa que, depois de “ter ouvido” a leitura de um livro de Anaxágoras, ele próprio teria lido (*anegignoskon*), com muito zelo, os livros (*tas biblous*) do referido filósofo, fazendo-o o mais depressa que podia (*Fédon* 98b). No *Lísis*, por sua vez, somos informados de que Hipótales, para seduzir o personagem homônimo, seu favorito, escreve textos em verso e em prosa (*poiêmata* e *syggrammata*, 204d). Nas *Leis* (VII 809e-810c), o ensino da leitura e da escrita faz parte do *curriculum* da educação da juventude. Por fim, em *Amantes Rivals* (diálogo atribuído a Platão) a ação dramática se passa na escola de um professor das letras (o *grammatistês* Dionísio). Diógenes Laércio (III, 4), citando esse diálogo, informa que Platão teria aprendido a ler e a escrever nesta mesma escola.

No horizonte, porém, da investigação aqui proposta, interessa-nos explorar não apenas a figura do leitor em geral, ou mesmo como ela aparece nos textos platônicos. Na realidade, o escopo de nossa investigação é o leitor platônico, isto é, o leitor dos diálogos de Platão. Nesse sentido, temos, na abertura do *Teeteto* (passos 142a-143c), um documento textual privilegiado, pois é a única vez em que, no *corpus platonicum*, encontramos explicitamente tematizada a prática da composição de um diálogo socrático, com uma particular distinção de seus principais agentes, em especial o leitor. De fato, dentre os diferentes personagens platônicos, Euclides é o único a descrever esse processo de elaboração e de formulação no âmbito do registro escrito.<sup>10</sup> A importância de partirmos, em nossa análise, dessa passagem específica está no fato de ela não evidenciar apenas a performance da prática autoral de um *logos sokraticos*, mas descrever também a performance do leitor, na medida em que coloca em evidência o leitor em sua ação de ler um texto escrito.

A cena inicial do *Teeteto* exhibe o colóquio entre Euclides e Terpsion. Vindo do porto, Euclides informa ter encontrado Teeteto, que era levado, doente, de Corinto para Atenas após uma batalha. Euclides, qualificando Teeteto como “belo e bom”, lembra como Sócrates, anos antes, teria exaltado sua natureza, e como naquela ocasião teria relatado uma conversação que havia tido com Teeteto, quando este era ainda jovem. Frente a tais lembranças e desejoso por conhecer o conteúdo do relato, Terpsion pede então

<sup>10</sup> Ver a introdução de Nancy à tradução francesa do *Teeteto* (1995, p. 24). Cappuccino (2014, p. 122) observa que Euclides seria “*il carattere rappresentativo dell'autore, caso unico nel corpus platonicum*”.

que Euclides reproduza novamente o relato socrático: “Mas quais eram os discursos? Poderias contar?”<sup>11</sup>

Euclides vê-se inapto para realizá-lo de improviso, mas lembra-se, porém, de tê-lo passado por escrito.<sup>12</sup> Na sequência, temos então uma descrição passo a passo de como esse registro fora produzido: depois de ouvir Sócrates em Atenas, ao chegar em casa, em Mégara, e de acordo com o tempo livre, Euclides escrevia primeiramente suas lembranças imediatas (*hypomnēmata*)<sup>13</sup> e, quando retornava a Atenas, interrogava Sócrates sobre o que faltava, corrigindo assim o seu esboço. Foi desse modo que teria chegado à composição de um *logos sokratikos*, cuja performance passa a ser a parte central do *Teeteto*.<sup>14</sup>

ἀλλ' ἐγραψάμην μὲν τότε εὐθὺς οἴκαδ' ἐλθὼν ὑπομνήματα, ὕστερον δὲ κατὰ σχολὴν ἀναμνησκόμενος ἔγραφον, καὶ ὅσάκις Ἀθήναζε ἀφικοίμην, ἐπανηρώτων τὸν Σωκράτη ὁ μὴ ἐμνημήμην, καὶ δεῦρο ἐλθὼν ἐπηγορθούμην

Na verdade, escrevi, no momento em que cheguei em casa, as primeiras lembranças e depois, de acordo com o tempo livre, escrevia o que ia lembrando. E toda vez que ia a Atenas, perguntava novamente a Sócrates o que não lembrava, e aqui chegado, corrigia. (*Teeteto* 143a, trad. nossa)

Enquanto Sócrates aparece como narrador de conversações em que ele mesmo está envolvido, desempenhando, ao mesmo tempo, o papel de personagem e a função de narrador de si,<sup>15</sup> Euclides dá a si mesmo o estatuto de um *grapheus*: “graças a mim, quase todo o *logos* foi escrito (*gégruptai*)”.<sup>16</sup> O texto não menciona, por parte de Sócrates, nenhuma reprovação à escrita, mas, pelo contrário, sugere que ele estava a par do meticuloso registro de

<sup>11</sup> ἀπὸρ τίνας ἦσαν οἱ λόγοι; ἔχεις ἂν δηγήσασθαι; (*Teeteto* 142d, trad. nossa)

<sup>12</sup> “Não, por Zeus, certamente não, ao menos assim de improviso” (οὐ μὰ τὸν Δία, οὐκὼν οὕτω γε ἀπὸ στόματος: *Teeteto* 142d, trad. nossa)

<sup>13</sup> O termo *ὑπομνήμα* designa uma espécie de “lembrete escrito”, “anotação” ou “*aide-mémoire*”, com a função de prevenir o esquecimento (cf. *Político* 295c e *Fedro* 276d). É possível que fosse um recurso utilizado especialmente pelos autores em prosa. Cf. KOIKE, 2013, p. 52; GREENE, 1951, p.39.

<sup>14</sup> Segundo Nails (2002, p. 274), o texto de Euclides teria sido escrito oito anos antes em relação à cena da abertura. A conversação que relata, por sua vez, teria ocorrido num passado ainda mais distante.

<sup>15</sup> καὶ μοι ἐλθόντι Ἀθήναζε τοὺς τε λόγους οὖς διελέχθη αὐτῷ δηγήσατο. (*Teeteto* 142c-d, trad. nossa) Veja-se também Xenofonte, *Econ.* 7ss.

<sup>16</sup> ὥστε μοι σχεδὸν τι πᾶς ὁ λόγος γέγραπται (*Teeteto* 143a, trad. nossa) Vale lembrar que Diógenes Laércio atribui a Euclides os seguintes diálogos: *Lampria*, *Ésquines*, *Fenício*, *Crítton*, *Alcibíades* e *Erótico* (*Διαλόγους δὲ συνέγραψεν ἕξ, Λαμπρίαν, Αἰσχίνην, Φοίνικα, Κρίτωνα, Ἀλκιβιάδην, Ἐρωτικόν*: D.L. 2, 108).

seu discípulo. O *graphheus*, por sua vez, é um artista das artes visuais, que marca e desenha, com uma espécie de estilete, as letras sobre o suporte em papiro, executando um verdadeiro trabalho físico e manual de inscrição e de fixação de imagens (trabalho cujo sentido é guardado pelo campo semântico do verbo *graphô*).

Não estaríamos diante do enigma do porquê Sócrates não teria escrito? O texto dá a entender que, simplesmente, Sócrates ocupava-se de outra coisa: a conversa com seus interlocutores, tendo restado a alguns companheiros a tarefa inédita de transpor suas conversações para o universo da escrita.<sup>17</sup> A abertura do *Teeteto* coloca em destaque, portanto, a herança socrática entendida como um sistema de transmissão de discursos. A passagem parece, assim, indicar que essa herança não se perdeu no registro da transmissão oral, mas encontrou entre os discípulos e frequentadores de Sócrates o novo suporte da tecnologia escrita.

#### O LEITOR EM PERFORMANCE

O percurso que começa com a *diêgesis* oral de Sócrates e vai até a confecção do produto final – o livro – é encaminhado para a dramatização de uma leitura, realizada por um personagem leitor, figura introduzida no passo 143b, a uma audiência formada por, pelo menos, Euclides e Terpsion, – sendo esta uma das atestações mais antigas de que um texto escrito (*graphê*) pudesse ter um público de ouvintes.<sup>18</sup> Nesse sentido, o *Teeteto* destaca-se por colocar em relevo o leitor no desempenho de sua função: a referência

<sup>17</sup> Embora não haja nenhuma evidência de que Sócrates tenha escrito, note-se que Sócrates é representado por Platão como alguém letrado (*Parmênides* 127c-128a e *Fédon* 97b-c; 98b). Na *Apologia*, porém, Sócrates explica a sua ocupação: interrogar aqueles que julgava mais sábio que ele, isto é, a conversação.

<sup>18</sup> Observe-se que as referências ao leitor, ao longo do texto, compreendem também a figura do leitor-ouvinte. Nesse sentido, Havelock (1978, p. 326) afirma que o diálogo platônico concilia um público que é parte audiência e parte leitora. Pressupõe-se, aqui, a tese amplamente aceita entre os estudiosos da cultura clássica de que, naquele contexto histórico, a leitura em voz alta e coletiva impõe-se como prática comum, ao passo que a leitura silenciosa individual apresenta-se como fenômeno raro. Atestações acerca da leitura coletiva podem ser encontradas em *Cavaleiros* 121ss e em *Aves* 962-989. A primeira referência a um leitor solitário está em *As Rãs* 52. Com relação à leitura silenciosa, encontramos exemplos em *Hipólito* 856-886; 874-875 e *Cavaleiros* 115ss. Sobre o problema da leitura na Antiguidade, cf. CHARALABOPOULOS, 2012, p. 131-1355; KNOX, 1968, p. 421 ; ALLINE, 1915, p. 2; GAVRILOV, 1997; THOMAS, 2005, p. 18-19; ver também nota 53 à tradução de Maria de Fátima Silva às *As Rãs* de Aristófanes.

a este personagem-leitor ocorre duas vezes, quando Euclides informa que “o menino fará a leitura” (*ho pais anagnôsetai*: 143b) e quando, dirigindo-se diretamente a ele, ordena-lhe: “Então, menino, toma o livro e lê!” (*alla, pai, labê to biblion kai lege*: 143c).

Pontuemos, brevemente, alguns aspectos dos termos em jogo nessas duas passagens. Em primeiro lugar, tomemos o verbo *anagnôskô* (143b). Trata-se de um derivado do verbo *gignôskô* (“conhecer”) que, com o acréscimo da preposição *ana*, tem o sentido de conhecer de novo, reconhecer, conhecer a fundo, conhecer bem, conhecer com segurança.<sup>19</sup> Por extensão, este verbo passou a designar também a ação de ler, indicando um processo característico do trabalho de leitura: o reconhecimento dos caracteres e do que eles significam (um fazer extremamente ligado à noção de memória).<sup>20</sup>

Vale lembrar que, dentre outras particularidades, os gregos do período clássico escreviam em *scriptio continua* (sem espaços entre as palavras), em virtude do que o reconhecimento das palavras no ato da leitura requeria uma técnica precisa de decifração do texto, sendo necessário, por esse motivo, pronunciá-lo em voz alta.<sup>21</sup> Nesse contexto, a leitura era, nos termos de Livio Rossetti (2006, p. 63), um complexo percurso que permitia remontar dos signos às palavras, e daí às frases e ao pensamento, requerendo o desenvolvimento de habilidades precisas, muita concentração e exercício. Surge aí a figura de um perito: o *anagnôstês* (“leitor”) constitui-se como um especialista das letras, capaz de decifrar um texto escrito.<sup>22</sup> Se a escrita, como vemos no *Fedro*, pode aparecer como o lugar do esquecimento, a leitura apresenta-se, por outro lado, como um lugar privilegiado para o exercício do reconhecimento e da memória.<sup>23</sup>

Em decorrência das limitações da própria materialidade da escrita, é muito provável que, ao compor, o autor estivesse consciente de que produzia um discurso para ser realizado vocalmente por um leitor capaz de reconhecer

<sup>19</sup> Sobre este verbo veja-se SVENBRO, 1993, p. 165; CHANTRAINE, 1950, p. 115ss; ALLAN, 1980, p. 244-251.

<sup>20</sup> Note-se que nos versos 460-1 de *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, a escrita aparece como uma “combinação de letras” (*γραμμάτων τε συνθέσεις*) associada à memória (*μνήμην πάντων*). Sobre a escrita na tragédia, ver TORRANCE, 2013, p. 138ss.

<sup>21</sup> O processo de composição dos diálogos platônicos deve ser pensado como um fenômeno anterior à tipografia moderna. Cf. SVENBRO, 1993, p. 45, 166; cf p. 49ss; NAGY, 2000; HAVELOCK, 1996, p. 138-9; 1978, p. 43, 325; CHARALABOPOULOS, 2012, p. 129.

<sup>22</sup> Este termo será atestado apenas a partir dos séculos IV/III a.C. Para o termo *anagnôstês*, ver também PFEIFFER 1968, p. 71; BLUM 1991.

<sup>23</sup> No próprio *Fedro* coloca-se também a função mnemônica da escrita: cf. *Fedro* 276d; 278a.

e de vocalizar os *grammata*.<sup>24</sup> A consciência de que a leitura se constituía como vocalização e *mimêsis* das falas dos personagens é indicada, no passo 143c, com o emprego do verbo *legô*. Nesta passagem, *legô* é normalmente traduzido por “ler”. Em nota *ad locum*, porém, Nancy observa tratar-se aqui de um equívoco de tradução, pois embora seja o sentido de “ler” que se espera no contexto, a substituição de *anagnôskô* por *legô* é intencional e sutilmente significativa. Na realidade, o personagem-leitor é ali convidado a falar, a tomar a voz, a fazer a *mimêsis* das falas dos personagens, por detrás dos quais ele mesmo passa a se ocultar.<sup>25</sup> Lembremo-nos de que a estrutura formal do *logos* de Euclides (o núcleo do *Teeteto*) é basicamente constituído por uma alternância de réplicas em estilo direto. A figura do leitor desempenha aí, portanto, uma função mimética: é o personagem que “toma o livro e fala”, desaparecendo aquele por completo nas falas em estilo direto que mimetiza. De fato, a partir do passo 143d, as falas de Sócrates, Teodoro e Teeteto são mimetizadas por uma mesma voz, a voz do personagem anônimo que lê.

No passo 143c8 temos a ocorrência do termo *biblion*. O termo (que na abertura aparece também em 143b5) designa um rolo de folhas de papiro coladas umas às outras, segundo técnica egípcia difundida na Grécia clássica, o que teria marcado uma difusão extraordinária de textos escritos, sobretudo daqueles em prosa. O aspecto físico do objeto em questão é confirmado, inclusive, pelo uso do verbo *lambanô* (tomar, pegar: *labê*, 143c). A abertura apresenta, assim, a descrição da produção de um artefato: a feitura de um livro, tal qual declara Euclides: “Aqui está o livro (*biblion*), Terpsion, e foi assim que coloquei por escrito o discurso (*logos*)”.<sup>26</sup> Note-se que a ocorrência do termo *logos*, no singular, em contraste com as demais ocorrências no plural, nos passos 143a-b, parece indicar aqui o sentido unitário de uma obra escrita. Encontramos aí, portanto, a primeira referência explícita às

<sup>24</sup> Sobre a escrita no tempo de Platão, cf. BRISSON. Platon pour notre temps, in BRISSON, 2011, p. xi; ALLINE, 1915, p. 1 ; ver também nota de Brisson à tradução francesa do *Fedro* (2012, p. 179, nota 22).

<sup>25</sup> Cf. NANCY, nota 19 *ad locum*, p. 307. Observe-se, porém, que em Heródoto é comum o emprego de *legô*, *legetai*, *legousi* no contexto da escrita (*graphein*), o que confirma a possibilidade de traduzir, aqui, *λέγω* por “ler”. Veja-se RÖSLER, 2012, p. 88-9.

<sup>26</sup> τὸ μὲν δὴ βιβλίον, ὃ Τερψίων, τοῦτι: ἐγραψάμην δὲ δὴ οὕτως τὸν λόγον: *Teeteto* 143b, trad. nossa. Cf. notas de Michel Nancy ao *Théétète*, Flammarion, p. 306, nota 9.

conversações socráticas como *logos* e *biblion*, de maneira a estarmos diante de uma importante referência a uma nova prática no âmbito da poética dos discursos.<sup>27</sup>

Por fim, vale notar que tanto no passo 143a quanto no passo 143b, o personagem-leitor é designado pelo termo *pais*, em lugar do termo técnico *anagnôstês*.<sup>28</sup> O termo pode designar tanto a faixa etária que vai da infância à adolescência, sendo traduzido por criança, jovem ou menino, quanto uma relação de filiação ou de condição subalterna, podendo ser traduzido também por filho, escravo ou servidor. É significativo que ele esteja etimologicamente ligado a um conjunto de termos ligados ao campo semântico da educação, como por exemplo, *paiderastês*, *paiderastia*, *paidagôgos*, *paidotribês*, *paizô*, *paideuô*, *paideia*, *paideutês*, *paidia*, dentre outros. Ora, o duplo emprego do termo *pais* na abertura do *Teeteto*, além da possibilidade mais evidente de se referir ao escravo que faz a leitura em voz alta, pode indicar, também, de modo possivelmente mais sutil e refinado, o jovem grego, destinatário da educação e do letramento, inscrevendo o personagem-leitor anônimo em um enquadramento paidêutico e, inclusive, homoerótico.<sup>29</sup> Isso porque, nos padrões gregos da relação homossexual, ao lado da figura do mais velho, o *erastês*, havia a figura do mais novo, o *eromenos*, que era chamado de *pais* ou *paidikos*.<sup>30</sup> O texto, nesse sentido, parece mostrar que este leitor que está prestes a desempenhar um papel na ação dramática é o efebo grego, o jovem rapaz do sexo masculino, o objeto por excelência da erótica pederástica e uma das figuras centrais nos diálogos platônicos.

<sup>27</sup> A referência aqui a um diálogo socrático como *logos* antecede a célebre ocorrência da *Poética* (1447a28-b13), na qual encontramos a expressão *sokratikoi logoi*. Convém pontuar que o termo *dialogos* não aparece, inicialmente, como uma nomenclatura para designar os socráticos, de modo que os mesmos, incluindo os diálogos platônicos, eram simplesmente designados como *logoi*. Cf. FORD, 2006, p. 10; 2008, p. 35-6.

<sup>28</sup> HALPERIN (1986, p. 63, nota 9) comenta que “the term boy (*pais* in Greek) refers by convention to the junior partner, or to the one who plays that role, regardless of his actual age”. No *corpus platonicum*, o termo ocorre 535 vezes.

<sup>29</sup> Vale lembrar, inclusive, que no *Fedro*, Sócrates caracteriza a escrita como *paidiá* (bricadeira, jogo de criança: 276d). Sobre a relação entre *paideia* e *paiderastia*, cf. BADY, 2005, p. 133; SOUSA, 2008; SVENBRO, 1993, p. 195; ver também introdução de Luc Brisson à sua tradução do *Banquete* de Platão (Flammarion, 1998, p. 62).

<sup>30</sup> Cf. XENOFONTE, *Anabase*, VII 4, 7; DESCLOS, nota 1 à tradução de *Alcibiade*, p. 3.

Encerrada a abertura megárica, o *Teeteto* passa a ser, no passo 143d, a performance de uma leitura. De fato, o personagem-leitor, a partir de então, lê o *logos-biblion* de Euclides. Estamos diante da performance de uma leitura em voz alta e coletiva. Mas não é apenas a prática mimética desse personagem que está aqui em jogo. Está em jogo também a ação de ler executada por cada leitor da obra platônica. Para fins de clareza, façamos aqui uma distinção entre este último, que passaremos a chamar de “leitor externo” e o personagem anônimo do *Teeteto*.

Tendo em suas mãos o texto platônico, o leitor externo do *Teeteto* desempenha a mesma função performativa do personagem anônimo. Manifesta-se aí, desse modo, a dinâmica que a recepção dos diálogos platônicos implica: ao ler o *Teeteto*, o leitor externo vocaliza (ou mimetiza) a voz do leitor interno que, por sua vez, vocaliza (ou mimetiza) as falas de cada uma das personagens (Sócrates, Teodoro, Teeteto), criando-se, entre eles, uma intencional fusão de identidades e uma verdadeira sobreposição de níveis miméticos.

Em relação às práticas de escrita e de leitura da Grécia clássica, o diálogo platônico demanda, por conseguinte, um novo tipo de leitor, capaz de desempenhar uma execução particular da *mimêsis*. As técnicas e estratégias de composição do diálogo platônico são assim constituídas de modo a guiar o leitor pela própria letra do texto, levando-o ao desempenho de um papel. Opera-se, assim, um fenômeno de conversão do leitor em *mimetês*, na medida em que este executa o desempenho de uma performance discursiva. Este é um fenômeno comum a todos os diálogos platônicos, sejam eles inteiramente em estilo direto, sejam eles em estilo narrativo.

Se, por um lado, entre os comentadores é lugar-comum a ideia de que os diálogos engajam o leitor na atividade da leitura, por outro lado não é evidente que este engajamento seja uma performance mimética.<sup>31</sup> A relação do leitor com o texto platônico que buscamos aqui delinear não é a de uma mera analogia ou similaridade entre personagem e leitor.<sup>32</sup> Os diálogos platônicos não se limitam a meras representações dramáticas apreendidas pelo leitor no ato da leitura, mas têm o poder (técnico, poético e filosófico) de

<sup>31</sup> Sayre, por exemplo, afirma que “*the Platonic dialogues were written as teaching instruments through which author and reader might engage in conversation*”, e que “*the Platonic dialogues were written as conversations to engage the attentive reader*”. (SAYRE, 1995, p. 197)

<sup>32</sup> Tal qual defendido por Cotton e por uma gama de autores citados por ela. Veja-se COTTON, 2014, p. 4.

instaurar e de atualizar, no ato performativo da leitura, os encontros dialógicos que representam. Eles projetam, assim, para o nível externo da recepção a experiência interna do encontro dialógico: e isso não se dá simplesmente de forma análoga, mas de forma atual e performativa.

Os diálogos platônicos implicam certo grau de realismo. Queremos dizer, com isso, que eles são aquilo que representam, ou seja, são encontros conversacionais. Nesse sentido, é significativo que o termo *synousia* (encontro conversacional) apareça no *corpus platonicum* como uma referência interna à própria ação que se desenrola em cena, como verificamos na abertura do *Protágoras* (310a), do *Sofista* (217e) e do *Timeu* (17a), assim como na conclusão do *Laques* (201c) e do *Lísis* (223b):

*τί οὖν οὐ διηγήσω ἡμῖν τὴν συνουσίαν*

Companheiro: Então, por que não nos relatas “esse encontro...”?

(*Prot.* 310a; trad. nossa, aspas nossas)

*ὦ Σώκρατες, αἰδώς τίς μ' ἔχει τὸ νῦν πρῶτον συγγενόμενον ὑμῖν μὴ κατὰ σμικρὸν ἔπος πρὸς ἔπος ποιεῖσθαι τὴν συνουσίαν*

Estrangeiro: Ó Sócrates, sinto-me confuso neste primeiro encontro em que deveríamos conversar, trocando nossas ideias por frases curtas...

(*Sof.* 217d-e; trad. de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa)

*Σωκράτης*

*εἶς, δύο, τρεῖς: ὁ δὲ δὴ τέταρτος ἡμῖν, ὃ φίλε Τίμαιε, ποῦ τῶν χθῆς μὲν δαιτυμόνων, τὰ νῦν δὲ ἐστιατόρων;*

*Τίμαιος*

*ἀσθένειά τις αὐτῶ συνέπεσεν, ὃ Σώκρατες: οὐ γὰρ ἂν ἐκὼν τῆσδε ἀπελείπετο τῆς συνουσίας.*

Sócrates: Um, dois, três... E o quarto hóspede de ontem, meu caro Timeu, que hoje deveria agasalhar-me?

Timeu: Adoeceu repentinamente, Sócrates; por ele, não faltaria ao encontro. (*Tim.* 17a; trad. de Carlos Alberto Nunes, modificado)

*τὸ δὲ νῦν εἶναι τὴν συνουσίαν διαλύσωμεν*

(Lisímaco:) Mas, por agora, vamos terminar o encontro.

(*Laq.* 201c; trad. de Francisco Oliveira, modificado)

Em outras ocorrências, constata-se este mesmo emprego metareferencial, em que o termo qualifica a própria ação dramática como uma comunidade dialógica. No *Banquete*, por exemplo, um personagem anônimo interpela Apolodoro, desejando informar-se “do encontro de Agaton, Sócrates,

Alcibíades, e dos demais que então assistiram ao banquete, e saber dos seus discursos sobre o amor”.<sup>33</sup> No *Laques*, o personagem homônimo observa que Nícias não tem motivos para esconder sua aporia num encontro como aquele.<sup>34</sup> No *Filebo*, Protarco observa que Sócrates ofereceu aquele encontro a todos os circunstantes.<sup>35</sup> O emprego do termo *synousía* passa, portanto, a definir, internamente, a conversação socrática e, por extensão, define também a própria representação platônica, situada no nível externo do texto escrito.<sup>36</sup>

Desse modo, subvertendo o poder de sujeição que a escrita pode apresentar, os diálogos têm a prerrogativa de fixar, em seu próprio domínio, uma relação de reciprocidade, na qual o leitor é convidado a constituir-se. Assim sendo, a realização da função mimética do leitor só é possível porque os textos platônicos preservam, no registro da escrita, o efeito de interpelação, mediante um movimento contínuo de reenvio ao outro, de chamamento e de apelo, mediante uma sucessão de réplicas que passam a ser atualizadas pela voz do leitor externo. Cada fala e cada réplica tornam-se, assim, um lançamento para um outro, com a função de agarrá-lo e de mantê-lo em sua condição de parceiro dialógico.<sup>37</sup>

O fenômeno de reciprocidade que a estrutura dialógica comporta explica, sobretudo, as razões da complexidade estilística dos diálogos platônicos. Pois enquanto um discurso simples encontra-se impossibilitado de extrapolar as fronteiras de seu fechamento, a complexidade formal do texto platônico comporta uma multiplicidade de vozes, que corresponde a uma multiplicidade de

<sup>33</sup> τὴν Ἀγάθωνος συνουσίαν καὶ Σωκράτους καὶ Ἀλκιβιάδου καὶ τῶν ἄλλων τῶν τότε ἐν τῷ συνδείπνῳ παραγενομένων, περὶ τῶν ἐρωτικῶν λόγων τίνες ἦσαν: *Banq.* 172a-b. Fazendo referência à noção de “implied readers” (ISER, 1974) e “lectores in fabula” (ECO, 1979), Keime (2016, p. 52) sugere que os diferentes personagens aos quais o *Banquete* dá voz são imagens do leitor. Ver *Banq.* 172b.

<sup>34</sup> Cf. *Laques* 196b.

<sup>35</sup> “Tu, Sócrates, ofereceste a presente reunião a todos nós e a ti mesmo” (σὺ τήνδε ἡμῖν τὴν συνουσίαν, ὃ Σόκράτης, ἐπέδωκας πᾶσι καὶ σεαυτὸν). *Fil.* 19c, Trad. de Fernando Muniz.

<sup>36</sup> Ver, de modo particular, o apêndice de SAYRE, 1995, p. 1997-232, intitulado How to read a Platonic Dialogue: *Sunousia* in the *Thaetetus*. Para outras ocorrências, ver também *Laques* 196b, 201c; *Lísis* 223b; *Protágoras* 310a, 335b, 335c, 336e, 337b, 338c, 338d, 347e; *Timeu* 17a; *Sofista* 217e; *Político* 286e; *Filebo* 19c; *Banquete* 172a, 172b, 172c, 173a, 173b, 176e.

<sup>37</sup> Nos diálogos, há uma desconstrução da “quarta parede” que separa o leitor da ação representada no gênero dramático. A expressão “quarta parede” remonta a Diderot que, em *Discurso sobre a Poesia Dramática* (1758) afirma: “Então, caso façais uma composição, ou caso representeis, pensai no espectador apenas como se este não existisse. Imaginai, na borda do teatro, uma enorme parede que vos separe da plateia; representai como se a cortina não se levantasse” (apud BORIE, M et alii, 2004, p. 167).

perspectivas e de posicionamentos.<sup>38</sup> Os diálogos são marcados, assim, por uma estrutural abertura, que é o princípio fundamental do estilo platônico. Esse princípio explica por que eles podem apresentar questões, cujas respostas não são estabelecidas de modo conclusivo, o que, para os intérpretes ávidos por um discurso uniforme, representa um incômodo mal-estar.<sup>39</sup>

Em sua dupla dialogicidade, intra e extradramática, os diálogos platônicos configuram uma forma particular de apropriação e de uso da linguagem que se afasta das formas discursivas de autoridade e de doutrinação.<sup>40</sup> A leitura dos diálogos platônicos não pode, por sua natureza mesma, ser reduzida à recepção de um discurso de autoridade. Os diálogos platônicos são, por assim dizer, fundados na abertura do texto e na autonomia do leitor, apresentando-se como uma forma de discurso anti-autoritário, sem a pretensão de transmitir nenhuma doutrina ou verdade transcendente endossada pelo autor.<sup>41</sup> A dialogicidade platônica impede, nesse sentido, a proliferação de qualquer posição de autoridade e de autorialidade, de modo que isso só ocorre quando a dialogicidade é silenciada. Dar, portanto, ao diálogo platônico tais estatutos significa fazer com que seu funcionamento fracasse, com uma perda de suas mais relevantes potencialidades.

## CONCLUSÃO

Um dos fatores que explicam o êxito que os diálogos platônicos lograram alcançar junto à recepção à qual se haviam destinado, no princípio, foi o

<sup>38</sup> Bakhtin desenvolve o conceito de “polifonia” em *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Para ele, é característica do romance ser plurivocal. Vale lembrar que Platão é definido como *polyphonos* por Ario Didimo (in *Stob. Ecl.* 55, 5 ss). A ideia de um perspectivismo platônico aparece em um comentário de Nietzsche aos discursos do *Fedro* e do *Banquete*. Para ele, esses discursos são todos eles filosóficos e verdadeiros, como aspectos diferentes de uma mesma verdade. Cf. NIETZSCHE, 1991, p. 33. O problema do perspectivismo como modelo de interpretação e de leitura para os diálogos platônicos é explorado por Francisco Gonzalez em *Plato’s Perspectivism* e por McCoy, em *Perspectivism and the Philosophical Rhetoric of the Dialogue Form*, ambos publicados em *Plato Journal* v. 16, 2016.

<sup>39</sup> Para a ideia de que a forma dialogada evita uma posição de autoridade, ver PRESS, 2007, p. 147; NAILS, 1995, p. 49; SAXONHOUSE, 2009, p. 747; HERSHBELL, 1995, p. 34-5.

<sup>40</sup> Nussbaum (2001, p. 126) observa que “*the dialogue sets up, in its open-endedness, a similarly dialectical relation with the reader, who is invited to enter critically and actively into the give-and-take...*” Sobre a abertura dos diálogos platônicos, ver também HALPERIN, 1986, p. 78-9; LAKS, 2004, p. 117; VEGETTI, 2010, p. 273.

<sup>41</sup> Cf. BLONDELL, 2002, p. 42. Sobre o caráter dramático, antidogmático e antissistemático dos diálogos platônicos, ver também CANFORA, 2014; BLÖSSNER, 2007, p. 376.

emprego de métodos e técnicas de composição que se ajustaram à transição de uma “recepção espectadora” para uma “recepção leitora”. O trabalho de composição dos diálogos platônicos comporta, assim, um singular e poderoso mecanismo de constituição do leitor. Isso significa que, ao serem escritos, os diálogos prevêm e instituem o leitor que “poderá” lê-los.

Destinados para a leitura, os diálogos não são adequados a todos e a quaisquer leitores, pois demandam um conjunto particular de competências por parte de seus destinatários. A abertura do *Teeteto* mostra que este destinatário é constituído na realização mimética do texto, vindo a desempenhar a função dramática de interlocutor em uma comunidade dialógica, instaurada pela própria letra do texto. A análise da abertura do *Teeteto* permite, ainda, levantar a hipótese de que, para se efetivar enquanto drama dialógico, a obra platônica requer a colaboração daquele a quem se destina. Pois de fato, prevendo os movimentos do leitor, o texto platônico cria as condições para seu engajamento e para a sua integração ativa, de modo que, pelo próprio ato de ler, o leitor passa a ocupar um lugar na ação.<sup>42</sup> Na abertura do *Teeteto*, podemos verificar a transferência do dinamismo do discurso dramático para a escrita, integrando-se o leitor ao discurso como participante da conversação que se representa.

O leitor platônico é, por conseguinte, o resultado de uma construção discursiva, que se dá nas linhas do texto platônico. Essa construção, como vimos, ocorre na forma de uma performance, ou seja, ela se dá no desempenho de uma ação, e esta ação, no caso, é a ação de ler. O leitor platônico é, portanto, construído na performance da leitura do texto, sendo por ela determinado e só perdurando no desempenho da mesma. Fora da leitura, não há leitor, nem interlocução, e a obra platônica deixa assim de ser comunidade dialógica. Nesse sentido, o leitor platônico jamais alcança o estatuto de um acabamento, jamais está dispensado do texto.

Em seu processo de composição, o texto platônico lança mão de meios para fazer-se necessitar do leitor para funcionar. Construído na forma de uma alternância de réplicas, como *mimêsis* de atos de fala, o texto platônico reclama um leitor que dê voz às falas (ou mesmo às falas-narrativas) dos personagens, de modo que sua natureza e seus efeitos dramáticos apenas

---

<sup>42</sup> Como observa Umberto Eco, “todo texto quer que alguém o ajude a funcionar” (2004, p. 37); “o texto postula a cooperação do leitor como condição própria de atualização” (2004, p. 39); e “gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos de outros” (2004, p. 39).

são realizados na performance da leitura. Nisto reside algo de novo em Platão, talvez com raras expressões em outros autores, algo que nem mesmo os diálogos de Agostinho, Boécio e Anselmo, ou os diálogos modernos de Berkeley, Malebranche, Bruno ou Schelling puderam ou tiveram a intenção de engendrar.<sup>43</sup>

Esta breve análise permitiu-nos, assim, compreender que o leitor platônico desempenha uma função dramática, e que essa função é a de interlocutor em uma comunidade dialógica instaurada pela própria letra do texto. A escrita platônica é um registro material que, por sua estrutura formal, permanece continuamente aberto para a intervenção performática (ou mimética) do leitor. Sob esse aspecto, a letra platônica está sempre disponível para a ocupação do leitor, instaurando com ele uma relação singular de presença. Como obra de arte e obra de filosofia, o diálogo platônico é objeto aberto a uma infinidade de degustações.<sup>44</sup>

É preciso pontuar ainda que, nesse fenômeno de ocupação, o leitor não é apenas estimulado a desenvolver as potencialidades dramático-dialógicas, mas é levado também a avançar sobre um conjunto particular de argumentos. O desempenho dessa função particular não constituiria, assim, o cerne e a essência do que compreendemos por filosofia (platônica)? Por outro lado, porém, reduzir a filosofia (platônica) a um trabalho de identificação, isolamento e experimentação de argumentos como objetos de análise não seria justamente se afastar da dinâmica discursiva da obra platônica e, ao mesmo tempo, renegar-lhe o atributo de filosófica? Não residiria, aqui, possivelmente, um grande risco de desvirtuamento?

Ora, de fato, a atividade a que Platão se dedicou e as obras a que chegou como resultado são fenômenos do universo do discurso escrito, de modo que a filosofia posterior a ele veio a ser um processo de continuação, desenvolvimento e desdobramento daquela atividade introduzida por ele.<sup>45</sup> A história da filosofia impôs-se, assim, como um percurso singular de escrita e de leitura. E se a filosofia posterior a Platão apresentou-se como o desdobramento de uma forma de discurso escrito, esse desdobramento passa de modo necessário e privilegiado por uma recepção pela leitura. No âmbito,

<sup>43</sup> Ver KOYRÉ, 1988, p. 14, nota 9.

<sup>44</sup> Parafraseamos aqui Umberto Eco (2007, p. 68): “Toda obra de arte (...) propõe-se como objeto aberto a uma infinidade de degustações.”

<sup>45</sup> Cf. COLLI, 1988, p. 9-10.

portanto, da recepção do leitor, o diálogo platônico realiza suas virtualidades e representa um marco transdiscursivo na história da filosofia.<sup>46</sup>

O filósofo platônico é, necessariamente, um leitor dos diálogos. A clareza de tal compreensão é suficiente para explicar o próprio movimento da filosofia. Explica, também, o fato de Platão ter dado a Aristóteles a alcunha *anagnôstês*,<sup>47</sup> fazendo-nos agora perguntar em que medida esse gesto não seria simbólico, estendendo-se também a todos os seus demais leitores. O filósofo (platônico) é, necessariamente, um receptor do *biblion* e do *logos* compostos, plasmados, estilizados e embelezados discursivamente por Platão que, enquanto autor, reúne as qualidades de *mimetês*, *diêgetês* e *grapheus*. O resultado desta investigação encaminha-nos, portanto, para algo de fundamental, revelando o processo pelo qual o discurso filosófico se instaura, construindo sua própria emergência. A constituição do leitor nos diálogos platônicos corresponde, assim, ao próprio processo de constituição da filosofia como forma do discurso.

[Recebido em julho/2019; Aceito em agosto/2019]

## BIBLIOGRAFIA

- ALLAN, D. J. *Ἀναγνωστικὸν* and some cognate words. *Classical Quarterly*, n. 30, p. 244-251, 1980.
- ALLINE, Henri. *Histoire du Texte de Platon*. Genève/Paris : Librairie Ancienne Honoré Champion, 1915.
- ANDRIEU, J. *Le Dialogue Antique*. Structure et présentation. Paris: Les Belles Lettres, 1954.
- ARISTÓFANES. *As Rãs*. Trad. Maria de Fátima Silva. São Paulo: Annablume, 2014.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores)
- BADY, Guillaume. Le Socrate de Platon : pédéraste ou pédagogue ? In: *Les jeux et les ruses de l'ambiguïté volontaire dans les textes grecs et latins*. Actes de la Table Ronde organisée à la Faculté des Lettres de l'Université Lumière-Lyon 2 (23-24 novembre 2000) Lyon : Maison de l'Orient et de la Méditerranée Jean Pouilloux, 2005. p. 131-146.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BARTHES, R. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 64.
- BLONDELL, Ruby. *The play of character in Plato's dialogues*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- BLÖSSNER, N. The city-soul Analogy. In: FERRARI, G.R.F. (ed.) *The Cambridge Companion to Plato's Republic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 345-385.

<sup>46</sup> Cf. MENEZES NETO, 2017, p. 204ss.

<sup>47</sup> *Vita Marciana* 6, Aristotle Fragments 428.2 Rose apud NAGY, 1996, p. 149.

- BLUM, R. *Kallimachos: The Alexandrian Library and the Origins of Bibliography*. Translation by H. H. Wellisch. Madison, 1991.
- BORIE, Monique; ROUGEMONT, Martine de; SCHERER, Jacques. *Estética teatral: textos de Platão a Bertolt Brecht*. Tradução de Helena Barbas. 2ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- BRISSON, L. Platon pour notre temps. In : \_\_\_\_\_. (dir.) *Platon Œuvres Complètes*. Paris : Flammarion, 2011.
- CANFORA, L. *La crisi dell'utopia*. Aristofane contro Platone. 2a ed. Bari: Laterza, 2014.
- CAPUCCINO, Carlotta. *ARXH LOGOU*. Sui Proemi Platonici e il loro significato filosofico. Firenze: Leo S. Olschki, 2014.
- CHANTRAINE, P. Les Verbes signifiant lire. In *Mélanges H. Grégoire*, II, Bruxelles, p. 115-126, 1950.
- CHARALABOPOULOS, Nikos G. *Platonic Drama and its Ancient Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- COLLI, Giorgio. *O Nascimento da Filosofia*. Trad. de Frederico Carotti. Campinas: Unicamp, 1988.
- COTTON, A. K. *Platonic Dialogue and the Education of the Reader*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2014.
- DESCLOS, Marie-Laurence. *Aux marges des dialogues de Platon*. Grenoble : Jérôme Millon, 2003.
- DIÓGENES LAËRTIOS. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. 2. ed. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 2008.
- DI STEFANO, Martina. I lettori di Platone. L'influenza di Iser sugli studi platonici e alcune possibili nuove prospettive. *Ethymema*, 18, 2017, p. 168-185.
- ECO, Umberto. *Lector in Fabula*. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. 2ª ed. Trad. de Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2004 (1979). p. 38-41.
- \_\_\_\_\_. *Obra Aberta*. Forma e indeterminação nas Poéticas contemporâneas. 9ª ed. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FORD, Andrew. From "Socratic logoi" to "dialogues". *Dialogue in Fourth-century Genre Theory*. *Princeton/Stanford Working Papers in Classics*, sept. 2006. Disponível em: <<http://www.princeton.edu/~pswpc/pdfs/ford/090604.pdf>>
- GAVRILOV, A. K. Techniques of reading in classical antiquity. *The Classical Quarterly*, 47, 1997, p. 56-73.
- GONZALEZ, F. Plato's Perspectivism. *Plato Journal*, 16, p. 31-48, dez. 2016.
- GREENE, W. The Spoken and the Written Word. *Harvard Studies in Class. Philology*, v. LX, 1951.
- HALL, Edith. Os Atores-cantores da Antiguidade. In EASTERLING, P.; HALL, E. *Atores gregos e romanos*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2008.
- HALPERIN, David M. Plato and Erotic Reciprocity. *Classical Antiquity*, v. 5, n.1, p. 60-80, 1986.
- HAVELOCK, E. *A Revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. Trad. Ordep José Serra. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. *The Greek Concept of Justice from its shadow in Homer to its substance in Plato*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.
- HERSHBELL, Jackson P. Reflections on the Orality and Literacy of Plato's Dialogues. In GONZÁLEZ, F. (ed.) *The Third Way*. New Directions in Platonic Studies. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1995.
- HUBBARD, T. *The Mask of Comedy, Aristophanes and the Intertextual Parabasis*. Ithaca-Londres: Cornell University Press, 1991.

- KEIME, Christian. Lector in Dialogo: Implied Readers and Interpretive Strategies in Plato's Symposium. In: TULLI, M.; ERLER, M. (ed.) *Plato in Symposium*. Selected Papers from the Tenth Symposium Platonicum. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2016.
- KNOX, B. M. W. Silent reading in Antiquity, *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 94, 1968, p. 421-435.
- KOIKE, Katsuzo. *Hecateu de Mileto e a Formação do Pensamento Histórico Grego*. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.
- KOYRÉ, Alexandre. *Introdução à leitura de Platão*. 3. ed. Trad. Helder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- LAKS, A. Qu'importe qui parle: sur l'anonymat platonicien et ses antécédents. In : CALAME, C. ; CHARTIER, R. Chartier (éds.) Identités d'auteur dans l'Antiquité et la tradition européenne. Grenoble : Jérôme Millon, 2004a. p. 99-117.
- MAUDUIT, Christine; SAETTA-COTTONE, Rossella. Voir ou entendre: faut-il choisir? Une analyse de la réception théâtrale dans le prologue des *Thesmophories*. *CEA*, n. 51, p. 45-73, 2014.
- McCOY, Marina. Perspectivism and the Philosophical Rhetoric of the Dialogue Form. *Plato Journal*, 16, p. 49-58, dez. 2016.
- MENEZES NETO, Nelson de Aguiar. *A Poética da Mimesis e a Composição dos Diálogos Platônicos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017 (Tese de Doutorado).
- NAGY, Gregory. *Poetry as Performance*. Homer and Beyond. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- \_\_\_\_\_. Reading Greek Poetry Aloud. Evidence from the Bacchylides Papyri. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*. New Series, v. 64, n. 1, p. 7-28, 2000.
- NAILS, Debra. *Agora, Academy, and the Conduct of Philosophy*. Dordrecht: Kluwer, 1995.
- \_\_\_\_\_. *The people of Plato*. A prosopography of Plato and other Socratics. Indianapolis/ Cambridge: Hackett Publishing Company, 2002.
- NIETZSCHE. *Introduction à l'étude des dialogues de Platon*. Trad. Olivier Berrichon-Sedeyn. Combas: Éditions de l'éclat, 1991.
- NUSSBAUM, Martha C. *The Fragility of Goodness: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- PFEIFFER, R. *History of Classical Scholarship: From the Beginnings to the End of the Hellenistic Age*. Oxford, 1968.
- PLATÃO. *Diálogos*. *O Banquete. Fédon. Sofista. Político*. Trad. e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Victor Civita, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Diálogos. Sofista-Político, Apócrifos ou Duvidosos*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Diálogos. Teeteto. Crátilo*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.(Coleção Amazônica)
- \_\_\_\_\_. *Diálogos. Timeu, Crítias, O Segundo Alcibíades, Hípias Menor*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. revisada. Belém: Editora Universitária UPPA, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Fedro*. Trad. de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Filebo*. Trad. Fernando Muniz. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Laques*. Introdução, tradução e notas de Francisco de Oliveira. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Parmênides*. Trad. de Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. São Paulo: Loyola/PucRio, 2003.

- \_\_\_\_\_. *Teeteto*. Trad. Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- PLATO. *Platonis Opera*. Ed. John Burnet. Oxford: Oxford University Press, 1903. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu>>.
- PLATON. *Le Banquet*. Traduction et présentation par Luc Brisson. Paris : Flammarion, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ménon*. Traduction et présentation par Monique Canto-Sperber. Paris : Flammarion, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Oeuvres complètes*. Traduction Luc Brisson et al. Paris: Flammarion, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Phèdre*. Traduction Luc Brisson. Paris: Flammarion, 2012.
- PLATON. *Théétète*. 2 ed. Traduction Michel Narcy. Paris: Flammarion, 1995.
- PRESS, Gerald A. *Plato: a guide for the perplexed*. London/New York: Continuum International Publishing Group, (2007) 2010.
- RÖSLER, W. The Histories and writing. In BAKKER, E.J.; DE JONG, I.J.F.; VAN WEES, Hans. *Brills Companion to Herodotus*. Leiden-Boston: Brill, 2012.
- ROSSETTI, Livio. *Introdução à filosofia antiga*. Premissas filológicas e outras ferramentas de trabalho. Trad. Élcio de Gusmão. São Paulo: Paulus, 2006.
- RYLE, Gilbert. *Plato's Progress*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- SAXONHOUSE, Arlene W. The Socratic Narrative: A Democratic Reading of Plato's Dialogues. *Political Theory*, 37 (6), p. 728-753, 2009.
- SAYRE, Kenneth M. *Plato's Literary Garden*. How to read a platonic dialogue. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame, 1995.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Introdução aos Dialogos de Platão*. Trad. Georg Otte. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- SOUSA, Luana Neres. *A Pederastia em Atenas no período clássico*. Relendo as obras de Platão e Aristóteles. Goiânia: UFG, 2008 [dissertação de Mestrado].
- STONE, Laura M. *Costume in Aristophanic Poetry*. Salem, New Hampshire: Ayer Company, 1980.
- SVENBRO, Jasper. *Phrasikleia*. An Anthropology of Reading in Ancient Greece. Translated by Janet Lloyd. Ithaca and London: Cornell University Press, 1993 (1988).
- SZLEZÁK, Thomas A. *Platão e a Escritura da Filosofia*. Análise de estrutura dos diálogos da juventude e da maturidade à luz de um novo paradigma hermenêutico. Trad. Milton Camargo. São Paulo: Loyola, 2009.
- THOMAS, Rosalind. *Letramento e oralidade na Grécia Antiga*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.
- TORRANCE, Isabelle. *Metapoetry in Euripides*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- UNTERSTEINER, Mario. *Problemi di Filologia Filosofica*. Milano: Cisalpino-La Goliardica, 1980.
- VEGETTI, M. Società dialogica e strategie argomentative nella Repubblica (e contro La Repubblica). In: CASERTANO, G. (org). *La struttura del dialogo platonico*. Napoli: Loffredo, 2000.
- WHITE, S.A. Socrates at Colonus: a hero for the Academy. In: SMITH, N.D.; WOODRUFF, P. *Reason and Religion in Socratic Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 151-75.
- YUNIS, Harvey. *Written Texts and the Rise of Literate Culture in Ancient Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.